


## O RAP BRASILEIRO COMO MANIFESTAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA E PERIFÉRICA NO ESPAÇO CULTURAL DA MÚSICA NO BRASIL

Portuguese  
Language  
Journal



 <https://doi.org/10.56515/PLJ322303027>

 **Celina Trajano de Oliveira**<sup>1</sup>  
*Universidade Paulista*

 **Monique Angélica Sampaio Flaquer**<sup>2</sup>  
*Universidade Paulista*

**Resumo:** O presente artigo utilizou-se de letras do rap brasileiro, feitas por cantores negros brasileiros. A relevância social desta pesquisa está em apresentar um discurso que é representado pela prática social, política e ideológica que representa a pessoa negra. O problema é como essas análises auxiliarão na autonomia e mobilização de competências do aluno protagonista, para buscar soluções e fazer escolhas? O trabalho está focado, sobretudo, no estudo da interpretação da compreensão das letras das músicas do rap brasileiro expressando as comunidades socioeconômicas menos favorecidas. Em uma abordagem sociológica do discurso, na qual a linguagem é entendida como prática social, por meio da qual expressa a ideologia das pessoas negras moradoras da periferia no Brasil. Para tanto, utilizou-se a teoria da Análise de Discurso Crítica que, segundo Fairclough (2001), considera o papel crucial do contexto demonstrando as relações de dominação, discriminação, poder e controle e como se manifestam através da linguagem. Concluiu-se que este trabalho está relacionado a todas as áreas de estudos sobre a linguagem, pois proporcionou o uso da gramática, da oralidade, da crítica social, valorizando conhecimentos historicamente construídos. As análises confirmaram a desigualdade racial na sociedade, trazendo histórias que o racismo ainda oculta e invisibiliza, além da discussão social da linguagem, manifesta-se nas produções musicais apresentadas pelos rappers ou MCs.

**Palavras-chave:** Rap; Análise do Discurso Crítica; Narrativas Negras.

**Abstract:** This article used Brazilian rap lyrics written by black Brazilian singers. The social relevance of this research lies in presenting a discourse represented by the social, political, and ideological practice that represents the black person. The problem is how these analyses will help the autonomy and mobilization of skills of the protagonist student to seek solutions and make choices. Above all, the work focuses on the study of the

<sup>1</sup> Doutora em Língua Portuguesa. Professora na Universidade Paulista - UNIP e Centro Paula Souza. ORCID <https://orcid.org/0009-0005-3171-9442>

<sup>2</sup> Mestra em Língua Portuguesa. Professora na Universidade Paulista – UNIP. ORCID <https://orcid.org/0009-0005-2993-6472>

interpretation and understanding of the lyrics of Brazilian rap songs expressing less favored socioeconomic communities. In a sociological approach to discourse, in which language is understood as a social practice through which students, considered participating subjects, can act on the world and others. To this end, the theory of Critical Discourse Analysis was used, which, according to Fairclough (2001), considers the crucial role of the context in demonstrating the relationships of domination, discrimination, power, and control and how they manifest themselves through language. It was concluded that this work is related to all areas of language studies, as it used grammar, orality, social criticism, and valuing historically constructed knowledge. The analyzes confirmed racial inequality in society, bringing stories that racism still hides and makes invisible, in addition to the social discussion of language, manifested in musical productions presented by rappers or MCs.

**Keywords:** Rap; Critical Discourse Analysis; Black Narratives.

---

## 1. Introdução

As comunidades periféricas são, desde o século passado, alvos de criminalização e exclusão não só por meio do Estado, mas também por quem não mora nesses locais. Mostrar o que acontece lá dentro, o meio em que se vive o cidadão da favela é algo que está presente no *rap* e em outros estilos musicais originários deste espaço, como o samba e o funk.

Desde o século XX até os dias de hoje políticas de higienização são frequentemente apresentadas para que tanto a própria periferia como sua cultura sejam violentadas com precedentes de “melhoria social”, porém considerando a abundância em diversidade, o respeito a elas faz-se essencial para que possa haver avanço nas relações dentro e fora do país.

O *rap* identifica a favela como lugar não de crime, ostensivo ou perigoso, ele traz que a vida na favela tem seu próprio organismo e seus moradores aprendem a lidar com ele, mas casos de violência policial, de preconceito racial e social são, também, frequentes nos relatos dos MC's.

Este artigo tem como objetivo trazer, com a teoria da Análise de Discurso Crítica, de Norman Fairclough, uma abordagem sociolinguística da identificação da fala do morador da comunidade periférica dentro do estilo musical *rap* na atualidade, que está cada vez mais em evidência, não só no Brasil, como no resto do mundo.

Para a delimitação da amostra foram analisadas letras de *rap* da região Sudeste, em especial, dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. A metodologia utilizada foi de pesquisa bibliográfica e documental acerca de encontrar passagens em letras de *rap* que possam identificar um falante periférico e textos que abordam a relação de falante, discurso e estrutura social.

A retratação da vida periférica expressa nas letras das músicas de *rap* se torna de importante análise dentro da questão sociolinguística não só na perspectiva de identificação social, mas também pensando nas características textuais empregadas pelos intérpretes para dar corpo as suas falas.

O *corpus* deste artigo não se faz rico somente em informações de discurso identitário, vai além disso, demonstra também o domínio da língua para composição, em que o autor passa a informação e acompanha as batidas da música que o direciona fazendo o interlocutor compreender, não só na superficialidade da significação, mas também na potência referencial do que se está falando, com intertextualidade e jogos de palavras que atraem e conversam com a própria batida e a realidade do ouvinte.

Dessa forma, o presente texto é feito a partir da expressão que a comunidade periférica oferece e vai muito além do que a mídia, às vezes, insiste em apresentar, o *rap* é um exemplo de

arte presente nas comunidades negras apresentado como conteúdo denso, não só de boas construções de rimas, para mais, um leque de informações da expressão de dessas comunidades.

Não só falar de *rap* e comunidade, e sim desenvolver o pensamento da falta de abertura do sujeito periférico, mesmo com o rompimento de barreiras territoriais, mas acréscimo de barreiras sociais, que são claramente aparentes nas letras dos Mc's e no seu comportamento, por isso a importância de um estudo específico, não somente sociológico, não somente linguístico.

## 2. O cidadão periférico e o discurso

A Linguagem, por meio da ciência que a estuda, a Linguística, é abstrata, e sua realização é através da comunicação, da dicotomia língua/fala (*langue/parole*); de acordo com Ferdinand Saussure, o precursor do estruturalismo, a língua é coletiva, já a fala é individual, sendo assim, a prática discursiva (fala – *parole*) é discernida pelos grupos sociais, um produto social.

Sendo o discurso a realização da língua, e também um leque de possibilidades, esta se molda de acordo com o grupo social criando novas línguas e meios de comunicação, que apesar de individuais dialogam entre si; já que, se cada indivíduo falasse sua própria língua, não haveria interlocução.

Em *Discurso e mudança social* (2001), Norman Fairclough traz a visão de indivíduo e estrutura social na perspectiva discursiva:

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. (Fairclough, 2001, p. 91)

Retomando a perspectiva bourdieusiana de *habitus* (Bourdieu, 2007) que tem como a relação estruturas estruturadas e estruturantes sendo unificadora das práticas, e também revela a quebra de paredes entre sujeito e estrutura social, no texto de Fairclough (2001) vê-se a importância da relação entre estrutura social e discurso, assim, pode-se supor que a influência do discurso e da estrutura social traz a caracterização de um indivíduo e sua interação com seu grupo social.

O reflexo disso pode ser visto em algumas letras de *rap* que serão abordadas nesse trabalho, demonstrando como a expressão musical, o discurso, é influenciada pela vivência do morador da comunidade periférica, estrutura social e como a música, direta ou indiretamente, interfere na prática social do seu ouvinte.

Assim, a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está inteiramente enraizada em estruturas sociais material, concretas, orientando-se para elas. (Fairclough, 2001, p. 93)

Como se vê no pensamento de Fairclough, a prática social que gera o discurso está enraizada nas estruturas sociais, e isso é evidente no dia a dia da nossa sociedade, principalmente no nosso país que afirma Bechara (2001), em uma visão sociolinguista, que devemos ser “políglotas na própria língua”, mesmo tendo uma língua funcional que se sobrepõe as demais.

O discurso do morador da comunidade periférica se diferencia por sua localização e também sua formação sociológica. Como já visto, a criminalização das favelas é histórica, assim como sua fala, que é tida como marginalizada e “errada”, por não seguir as convenções sociais e a norma culta da língua padrão.

Alkmin (2006) afirma que qualquer comunidade possui variação linguística e que nenhuma língua pode ser apresentada como homogênea, e essa heterogeneidade que identifica os falantes, e às vezes os classifica.

A diferença de classe social e de posição geográfica são variações estudadas pela sociolinguística seja ela diastrática (social) ou diatópica (regional), as gírias são resultado dessa variação, no momento que um grupo social específico torna um termo que era utilizado só por eles em uma convenção social.

O cantor de samba Bezerra da Silva fala no documentário *Onde a Coruja Dorme*<sup>3</sup> (2012) que a gíria é uma cultura negra, dos escravos que as utilizavam para os planos de fuga, para os oficiais não entenderem, e afirma “é justamente o que hoje os intelectuais fazem com a gente”, se referindo à população periférica, pois esses que estudam e aprendem terminologias que o cidadão comum não entende, não dialogam com o que o morador da favela compreende. A gíria é justamente o mesmo, só que na fala do favelado.

## 2.1 O rap e a periferia

Para *Onde a Coruja Dorme*, O Mito da Caverna, de MOC<sup>4</sup> trata de “combinações e sucessões de sons, diversamente articulados; a unidade elementar, o som, não é um signo”, porém a fala se ressignifica quando acompanhada de ritmo e melodias.

A relação musicalidade e discurso dentro do rap é de importância histórica, a sigla vem do inglês “*Rhythm And Poetry*” (Ritmo e Poesia) e é originário dos *ghetos* americanos, na periferia de Nova Iorque por volta dos anos 70 e 80 por meio do *hip-hop*, termo utilizado pelo Dj África Bambaataa, pseudônimo de Kevin Donovan, conhecido como criador do movimento.

O rap surge naturalmente na rua, porque é na rua que ganha corpo o fervor da revolta e da contestação construído sob o lema da eterna opressão social e racial. (Contador, 1997, p. 27)

A significância do discurso dentro do rap vem a partir da expressão afro-americana dos anos 70, momento em que as lutas raciais estavam no seu ápice após a morte de um dos seus maiores líderes, Martin Luther King Jr., assassinado em 1968; como podemos ver na letra de Tupac Shakur, *rapper* notável dos anos 90, o discurso de indignação social é intrinsecamente ligado a origem do rap americano:

*Cops give a damn about a negro  
Pull the trigger, kill a nigga, he's a hero.*

Tradução:

Políciais não dão a mínima para um negro  
Puxar o gatilho, matar um negro, ele é um herói.  
(TupacShakur, 1998)

A disseminação da cultura *hip-hop* aconteceu ao final do século XX, em 1993 o músico citado já tinha seu álbum de ouro e em 1995 já estava ao lado de outros grandes artistas como Snoop Dogg e Dr. Dre.

---

<sup>3</sup> Direção de Simplício Neto e Márcia Derraik. Produção de Rodrigo Latier. Fotografia de Mauro Pinheiro Jr. Rio de Janeiro: Antenna, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fSs0X1RPLuU>

<sup>4</sup> São Paulo: Dj Cuco, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4pBp8hRmynI>.

No Brasil o *rap* se manifestou por volta dos anos 80, teve seu início nas cidades satélites de Brasília e nas vozes dos jovens excluídos das periferias paulistanas, que nas suas letras carregavam o discurso de apresentação da realidade a qual eles viviam.

Os *rappers* paulistanos tiveram como influência a segunda fase do *hip-hop* norte-americano, o uso de lideranças nos movimentos sociais como referências também fez parte da construção do movimento, como Malcom X e Martin Luther King Jr. Não só nas letras como nas atitudes percebeu-se a busca pelo reconhecimento das raízes na diáspora africana, já que o apagamento da história negra era comum nos países escravagistas.

O conceito de luta contra o racismo acompanhando o discurso social do *rap* brasileiro se relaciona ao fato que, historicamente, as comunidades periféricas do nosso país são compostas, em sua maioria, de população negra, como os dados apresentados pela organização social TETO, em uma pesquisa feita no ano de 2016, afirmando que 70% dos moradores das favelas de São Paulo se autodenominavam negros ou pardos. (Carmo, 2017)

Assim, percebe-se o porquê da presença tanto do discurso que aborda o preconceito social como o racial nas letras de *rap* desde os anos 90 até os dias de hoje. De acordo com Fairclough (2001, p. 91), o discurso, como prática, é um meio em que as pessoas agem e se representam, assim contribuindo direta ou indiretamente na constituição da estrutura social, que por outro lado, molda e restringe o discurso; isso se vê presente na fala do MC de *rap*, que retrata a vida da periferia brasileira em suas letras, como no exemplo:

Deus que me livre **da mira dos tiras** mas nego eu não fico, não brinco,  
nem mosco  
Medo, só vejo os destroços  
Do pobre que acorda com ódio  
(Sabotage – Mun-Rá) (2002)

O conflito entre morador da favela e polícia, que aparece não só nas letras de música em português como a exemplificada acima no trecho “mira dos tiras”, mas também no *rap* do Mc Tupac é histórico. Fica exposto que a relação de comunidade periférica e os aparelhos do estado (Althusser, 1971) não estão em concordância. A favela é associada ao tráfico de drogas e a criminalidade diariamente, pelas mídias, pelo poder público e pelo senso comum, assim tornando invisível o morador da comunidade que trabalha e tem sua família.

Para exemplificar a violência policial dentro das favelas, atualmente o Rio de Janeiro vive uma crise de segurança que têm se mostrado mais violenta, só neste ano, de acordo com site G1<sup>5</sup>, 16 crianças foram feridas e 5 mortas por balas perdidas em ações policiais, os culpados pela morte destas não foram incriminados.

A política ostensiva não é só vista em ações policiais e referentes a crime organizado ou de tráfico de drogas, no século passado o samba era criminalizado, inclusive andar com instrumentos utilizados na roda de samba era pretexto para ser preso, fato contado pelo Doutor Reinaldo Santos Almeida em matéria para a BBC<sup>6</sup>. O sambista João da Baiana inclusive teve seu pandeiro assinado pelo senador da época, José Gomes Pinheiro da Fonseca, para que pudesse usar de salvo-conduto para não ser preso.

Essa criminalização teve novamente uma tentativa em 2017, porém com o funk. Como sugestão de lei feita por um cidadão comum e com mais de 20.000 assinaturas se tornou projeto para ser analisado no Senado, que foi rejeitada e arquivada pela Comissão dos Direitos Humanos em setembro do mesmo ano.

---

<sup>5</sup> G1, portal de notícias do Grupo Globo

<sup>6</sup> BBC (British Broadcasting Corporation em português, Corporação Britânica de Radiodifusão), corporação de rádio e televisão do Reino Unido, fundada em 1922.

Outro exemplo da interferência na música como meio de criminalização do indivíduo morador da comunidade periférica é o caso do Dj Renan da Penha que foi preso no começo de 2019 por associação com o tráfico e produção de músicas que enaltecem traficantes, além de organizar bailes funk. Hoje, ainda em cárcere, ele concorre ao Grammy<sup>7</sup> Latino pela música com o cantor Nego do Borel, “Me solta” e foi ganhador do prêmio Multishow<sup>8</sup> de Canção do Ano pela música “Hoje vou parar na Gaiola” com o MC Livinho. Ações da polícia em bailes de comunidade, como no conhecido “Baile da Gaiola” já deixaram moradores feridos por bala perdida no Rio. No *rap*, o cantor Emicida foi preso em Belo Horizonte, em 2012 por, de acordo com a Polícia Militar, incitar o público a fazer gestos obscenos contra a polícia, caracterizando desacato. As críticas do *rapper* a polícia são evidentes na letra da música que ele cantava no show: “Auschwitz ou gueto? Índio ou preto? Mesmo jeito, extermínio” (Dedo na Ferida, 2013). Como nos trechos abordados anteriormente o racismo é temática das letras, neste caso Emicida se refere à repressão nas comunidades paulistanas, como Pinheirinho, Moinho, Cracolândia e no show ele incitou o público em apoio a Ocupação Eliana Silva, realizada na região do Barreiro em Belo Horizonte. O artista foi liberado no mesmo dia.

O discurso do enunciador que canta a realidade da comunidade periférica é criminalizado como a própria comunidade, assim, a interação do cidadão favelado com outros grupos sociais, a visão que estes têm da favela, seja construído pela mídia ou pelo senso comum, são demonstrados nas letras com essencial força de comunicação e expressão do que acontece na realidade desses falantes, de forma com que não sejam denegridos por uma visão deturpada de sujeito periférico, mas como um pensamento de respeito e admiração do artista negro e sua cultura.

### 3. Análises do rap

#### 3.1 O *rap* como questionamento da valorização da periferia

Como reação ao preconceito social e racial, no *rap*, os MC's se manifestam procurando valorizar a vida nas comunidades periféricas:

“Os **negro** aqui não quer só comida  
Divergências à parte  
Uns querem mais emprego, diversão e arte”  
Mano Brown – O Céu É O Limite (2018)

O rapper Mano Brown, conhecido pelas letras marcantes no grupo Racionais Mc's e sua importância histórica para o *rap* brasileiro, neste fragmento traz a crítica daqueles que vão às comunidades e oferecem alimento, e somente isso, esquecendo que o que mais falta nas favelas é apoio à cultura periférica e valorização dos trabalhadores vindos de lá.

Souza (2006, p. 49) afirma que:

A ausência dessa autoestima individual objetivamente produzida, muitas vezes “compensada” e, portanto, paradigmaticamente ilustrada por um comportamento reativo e primitivamente narcísico, reflete, precisamente, o drama existencial de quem tem que viver a vida com um sinal negativo em todas as interações sociais.

---

<sup>7</sup> Grammy Awards é uma premiação anual oferecida pela Academia Nacional de Artes e Ciências de Gravação para artistas da indústria da música mundial.

<sup>8</sup> Prêmio Multishow, maior premiação da música brasileira, realizado anualmente no canal Multishow desde 1994.

Nessa passagem, o autor refere-se à relação de interação do indivíduo considerado excluído e não reconhecido como produtor útil para a sociedade, criando uma “classe de desclassificados sociais”, e é exatamente essa invisibilidade que o Mc trata, a de não cooperação do Estado como um provedor de empregos, de cultura para a periferia, mas apenas como caridade enviando doações de alimentos.

Na questão gramatical, percebe-se que o substantivo “negro” está destacado pela ausência do plural já que o artigo que precede a palavra é “Os” causando um desvio da norma culta.

Percebe-se no *rap* muitas marcas da oralidade, e essa “rebelião contra a norma” é, de acordo com Coseriu (1980, p. 87), um meio de reafirmar a liberdade do indivíduo através da linguagem, contra a normatização e a obrigatoriedade de seguir um sistema de imposições sociais e culturais.

### 3.2 O *rap* como crítica ao preconceito racial

Além da questão da valorização das comunidades há diversos trechos que criticam a visão preconceituosa com a periferia e seus moradores, que como já citado, 70% da população é de negros; assim o combate ao racismo está atrelado ao discurso ideológico do *rap*, segue aqui um trecho que evidencia essa crítica:

“Aonde a pele preta possa incomodar  
Um litro de Pinho Sol **pra** um preto **rodar**  
Pegar tuberculose na cadeia faz chorar  
Aqui a lei dá exemplo: mais um preto **pra** matar”  
Criolo – Boca de Lobo (2018)

O *rapper* Criolo enfatiza na sua letra o preconceito racial expresso tanto no sistema prisional, que hoje, de acordo com a Comissão de Direitos humanos tem 61,7% de presos são negros ou pardos, como na violência policial. Nesse trecho ele cita “Um litro de Pinho Sol pra um preto rodar”, “rodar” gíria proveniente da cadeia, de acordo com a Mestre Léia Poiano Stella (Stella, 2003), esse termo pode significar morrer, perder, no exemplo da letra o *rapper* se refere ao caso de Rafael Braga, morador de rua que foi preso por carregar uma garrafa de desinfetante (Pinho Sol) durante as manifestações que ocorreram em todo o Brasil no ano de 2013, sendo ele o único preso condenado por crimes relacionados aos protestos.

Só percebemos os efeitos da desclassificação social no ressentimento e ódio mudos quando se transmutam em violência nas manchetes dos jornais. (Souza, 2006, pg. 42)

Outro ponto importante na letra do autor é a incidência 30 vezes maior dos casos de tuberculose na população carcerária que em cidadãos de fora, expresso em estudo do Ministério da Saúde com a Fiocruz<sup>9</sup>.

O recém-lançado trabalho do artista Emicida, o CD AmarElo (2019) reitera em diversas passagens o preconceito racial no Brasil, incluindo na música, Ismália, na qual o poema de Alphonsus Guimaraens<sup>10</sup>, inclusive de título homônimo, é recitado por Fernanda Montenegro<sup>11</sup>,

---

<sup>9</sup> A Fundação Oswaldo Cruz é uma instituição de pesquisa e desenvolvimento em ciências biológicas, localizada no Rio de Janeiro, Brasil, considerada uma das principais instituições mundiais de pesquisa em saúde pública.

<sup>10</sup>Alphonsus de Guimaraens, pseudônimo de Afonso Henrique da Costa Guimarães, foi um escritor e poeta do Simbolismo brasileiro.

<sup>11</sup> Fernanda Montenegro ONM, nome artístico de Arlette Pinheiro da Silva Torres, é atriz, locutora, radialista e apresentadora reconhecida mundialmente.

que aborda uma visão simbolista e melancólica da morte, tema também citado pelo *rapper*. Na passagem a seguir ele menciona a questão de reconhecimento do cidadão periférico negro.

“E como analgésico nós **posta** que  
Um dia **vai tá** nos **conforme**  
Que um diploma é uma alforria  
Minha cor **né** uniforme”  
Ismália – Emicida (2019)

Novamente visualizam-se marcas da oralidade, neste caso percebe-se a contração do plural nas palavras “posta” e “vai” que são conjugadas pela terceira pessoa do plural “nós”, porém o verbo está no singular, caracterizando uma discordância verbal na sentença, na mesma frase ocorre a contração com a palavra “conforme”. Ao final do verso outra marca de oralidade contrai o advérbio “não” com o verbo “é”, formando a palavra “né”, sentença que na norma culta ficaria “Minha cor não é uniforme”. Estes casos são comuns nas letras de *rap* para viabilizar a métrica e encaixar a letra com o ritmo da música.

No trecho o *rapper* aborda que se formar na faculdade, ter um diploma, para um negro é uma “alforria”, remetendo ao documento que decretava a liberdade dos escravos no período imperial brasileiro.

A possibilidade de ler, no estilo de mobiliário e de vestuário, o verdadeiro estilo de vida de um grupo deve-se ao fato de que não só tais propriedades são a objetivação das necessidades econômicas e culturais que determinaram tal escolha, mas também as relações sociais objetivadas nos objetos familiares, em seu luxo ou pobreza, em sua "distinção" ou "vulgaridade", em sua "beleza" ou "feiura".  
(Bourdieu, 2007 p. 75)

No último verso Emicida remete ao pensamento da cor do negro ser vista como um uniforme, uma vez que o *habitus* do indivíduo periférico negro é visto com preconceito em suas relações sociais mais objetivas, assim este cidadão é destacado do resto das etnias, demonstrando nas passagens seguintes o porquê: “80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo”, fazendo referência ao assassinato de um pai de família e músico no Rio de Janeiro pelo exército brasileiro com 80 tiros de fuzil no seu carro, enquanto estava a caminho de uma festa com sua família, apenas ele e seu sogro foram atingidos, o sogro sobreviveu. De acordo com os militares o carro foi “confundido” com o de assaltantes.

Na música há novamente uma retomada do assunto, enquanto a atriz Fernanda Montenegro recita a poesia de Alphonsus de Guimarães, no momento em que retrata Ismália saltando da torre, a cantora que faz participação, Larissa Luz, sussurra “80 tiros” ao fundo.

Em outra passagem, o autor reitera a questão de ancestralidade e conflito entre morador periférico e polícia.

“O lacre ainda tá presente só no caixão dos **adolescente**  
Quis ser estrela e virou medalha num **boçal**  
Que coincidentemente tem a cor que matou seu ancestral”  
Ismália – Emicida (2019)

Emicida neste trecho trata da morte dos jovens periféricos por policiais como um símbolo de heroísmo, o qual é digno de medalha para quem executa e no último verso destacado compara os que assassinam estes jovens com os que matavam os escravos.



O termo “boçal” de acordo com o dicionário *online* Aulete se refere a alguém rude, grosseiro, sem cultura ou sem sentido, motivação, o autor utiliza de forma agressiva para definir que os assassinos são rudes, sem compaixão.

### 3.3 O rap como crítica ao preconceito com a periferia

A especificidade da periferia seria, portanto, a de produzir em massa um contingente de pessoas que nem sequer gozam de predicados humanos capazes de possibilitar a participação destas em um campo de disputa por prestígio e poder. (Souza, 2006, p. 228)

Nessa passagem o autor aborda a precariedade do *habitus* do morador periférico, enfatizando a falta de acesso da disputa do poder e prestígio que outros indivíduos da sociedade podem ter, isso se reflete em algumas letras não só com a desvalorização do sujeito da comunidade, mas também com o próprio espaço.

“Eles amam o gueto, mas não vêm pro gueto  
Por isso meu Uber deu 80 **pila**”  
Rincon Sapiência – Placo (2018)

A fala do Mc se refere ao aplicativo de transporte chamado *Uber*, que precifica a viagem de acordo com o local onde leva o passageiro, neste caso ele levanta a questão do preço alto da sua viagem, pelo fato de ter como destino a comunidade (gueto), nessa passagem repara-se a influência do espaço onde mora o enunciador, refletido no seu discurso que repudia o preconceito com a comunidade periférica. O termo em negrito “pila” vem da cultura sulista, mais especificadamente do Rio Grande do Sul e se refere à moeda brasileira, ou seja, “80 pila” que significa 80 reais.

Uma passagem nas linhas do *rapper* da cidade de Santos, Izzi, traz também essa figura de indivíduo que trabalha, mas mesmo assim se vê distante da disputa de poder e prestígio:

“Portanto a guerra mira **praqueles** que não são páreos  
Trabalhamos pela dor e sangue é o salário  
Quantos Rambos vão se impor? É falso esse cenário  
Vivendo nossa vida como peixes no aquário  
Escravidão consentida, comandamos ao contrário”  
Moç (Izzi) – O Mito da Caverna (2018)

Para elucidar o pensamento do Mc pensemos que:

O que se aplica aos limites entre as posições de sujeito e as convenções discursivas associadas geralmente se aplica aos elementos das ordens de discurso. (Fairclough, 2001, p. 97)

O sujeito que está exposto as convenções discursivas ordena seu discurso de acordo com estas, mas não sobrepõe um a outro. No texto o *rapper* aborda o pensamento de trabalho a uma escravidão consentida, onde se comanda ao contrário, exprimindo, que mesmo os assalariados fazem o trabalho escravo, consentindo isso.

Também se observa a questão de “subcidadão” que se submete aos aparelhos ideológicos do estado (Althusser, 1971), já citados neste trabalho, quanto à exclusão do sujeito e opressão ao seu modo de viver.

Outra visão é o discurso bélico do Mc no primeiro verso, para abordar onde a guerra está, nas periferias. Na próxima frase ele traz a questão de salário como sangue e o trabalho como dor, fazendo analogia a força de trabalho empregado e a recompensa, seguindo o mesmo pensamento do texto de Souza (2006), invisível e sem acesso à luta por poder.

### 3.4 O rap e o intertexto com a realidade

Conforme afirma Fairclough (2001), a estrutura social molda o discurso, assim vê-se o reflexo do que acontece na realidade dentro da letra do MC, desde o início do movimento, até os dias de hoje, sendo esse um importante aspecto das músicas.

“Numa idade primitiva viviam dificuldade  
Hoje a tecnologia ajuda e arrasta a humanidade  
Nas redes sociais sorrisos falsos, vaidade  
Ostentam o *smartphone* e a falsa felicidade

...

Da um *look* no Facebook, o ócio te devora  
O Loki caiu no truque, minutos viram horas  
In *love* com o *notebook*, esquece o mundo lá fora  
Hoje não se nota o *book*, é Wikipedia e *copy* cola

...

Somos massa de manobra, abre o olho **pro cê** ver  
Que a elite manipula usando o medo e o prazer”  
Moç (Leal) – Mito da Caverna (2018)

O *rapper* caçara do grupo Moç ressalta que com o uso da tecnologia pode-se ter dois lados, o que ajuda a humanidade, e a faz evoluir, e o que arrasta e destrói seu futuro. No seu exemplo ele reitera o uso excessivo de *smartphones* e redes sociais inclusive citando a maior delas, o Facebook que, de acordo com pesquisa da própria empresa, noticiada pelo site da Folha de São Paulo em 2018, tem 127 milhões de usuários ativos.

No mesmo trecho ele faz também referência ao deus mitológico Loki, conhecido por ser o deus da trapaça, afirmando que o próprio caiu em um truque, fazendo uma metáfora do tempo que se perde nas redes sociais, além de citar a vaidade e a falsidade como elementos presentes na internet. O MC não erra, inclusive o brasileiro em média, de acordo com a pesquisa da GlobalWebIndex<sup>12</sup>, em 2018, gastou 219 minutos por dia no Facebook.

Citando também o *site* de pesquisas Wikipedia que é famoso por ser um dos principais veículos de informação bibliográfica, mas também por ter conteúdos não confiáveis. Nesta referência, Leal critica a falta de leitura e o conhecido copiar e colar utilizado inclusive em trabalhos de escola.

Ao final do trecho o *rapper* usando da contração “procê” percebe-se traços de oralidade, no qual a preposição “para” e o artigo “o” se unem resultando em uma única sílaba “pro” e o pronome “você” é contraído para “cê”, variação linguística regional proveniente da região da Baixada Santista. Ainda na mesma passagem ele reflete sobre a manipulação da elite, este pensamento que se encontra também no pensamento de Bourdieu:

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante  
[...] para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto; portanto, à

---

<sup>12</sup>A GlobalWebIndex é uma empresa de pesquisa de mercado fundada por Tom Smith que fornece dados de criação de perfil de consumidor para editores, agências de mídia e profissionais de marketing em todo o mundo.

desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções (Bourdieu, 1989, p.30)

O sociólogo francês cita o uso da cultura dominante para a desmobilização da classe dominada, assim, comparando-se a fala do *rapper*, a elite (classe dominante) faz com que os que não são da elite (classe dominada) sejam massa de manobra e manipulados, pelo medo e o prazer.

Outra forma de se alinhar com a realidade são as relações do discurso dos Mc's com notícias e acontecimentos importantes na história do país.

“Retrato da sociedade é o **moleque** com  
iPhone 7 na cintura tomar sete tiros  
Confundido por sete **tiras**  
No sétimo dia, sua **coroa** ainda chora”  
Djonga – Favela Vive 3 (2018)

Esta passagem do cantor Djonga observa mais um caso de violência policial, fazendo analogia ao número 7. Um caso parecido aconteceu em Sacramento nos EUA, onde um jovem negro foi morto por policiais, sendo acusado de apontar uma arma para eles, mas na verdade ele só tinha um *smartphone* quando foi encontrado, já sem vida.

Na questão gramatical, vemos primeiramente o termo “moleque” que apesar de ser informal, já está em dicionários como definição de garoto, criança, o termo vem do quimbundo *muleke*. O termo “tiras” se refere aos policiais, termo criado das dublagens em português dos filmes americanos, pois lá os agentes da lei são chamados de “*cops*” e na dublagem o som deveria ser similar ao movimento da boca. “Coroa” é uma forma que o autor se refere a mãe do jovem assassinado, de acordo com o site Brasil Escola essa gíria se refere às pessoas mais velhas.

Na mesma música o *rapper* Lord remonta outro caso de violência policial:

“Que é isso?  
Foi tiro do blindado que acertou Marcos Vinícius  
Caído ali, sem árbitro de vídeo”  
Lord – Favela Vive 3 (2018)

O caso tratado é o do adolescente Marcos Vinicius da Silva, 14, que foi morto por um tiroteio no Complexo da Maré no Rio de Janeiro. Antes de falecer o garoto mesmo baleado falou para sua mãe: “Mãe, eu sei quem atirou em mim, eu vi quem atirou em mim. Foi o blindado, mãe. Ele não me viu com a roupa de escola?”

A referência ao árbitro de vídeo, o VAR, que é o novo sistema utilizado nas partidas de futebol que ajuda caso um lance duvidoso aconteça durante o jogo, se trata da sua utilização inédita na Copa do Mundo de 2018.

“Gritei: Marielle, presente!, essa bala também me fere  
E esse tiro fere cada morador que já teve um sonho frustrado  
E só quem é vai sentir na pele”  
Choice – Favela Vive 3 (2018)

O caso da morte de Marielle Franco ficou conhecido internacionalmente como marco da perseguição política do nosso país. Política ativista da Comunidade da Maré, no Rio de Janeiro,

mulher negra, era conhecida pela luta contra a violência policial na Intervenção Militar do estado, que começou em 2018.

A execução da vereadora e seu motorista Anderson Gomes, em março de 2018, aconteceu no centro do Rio de Janeiro. A menção “Marielle, presente!” virou referência da luta contra a violência policial nas periferias cariocas, e logo do Brasil inteiro. Um dia antes do fato que resultou em sua morte a vereadora postou em seu Twitter:

Mais um homicídio de um jovem que pode estar entrando para a conta da PM. Matheus Melo estava saindo da igreja. Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra acabe? (Franco, 2018, tuíte)

Um exemplo da força que esse acontecimento tomou no mundo é a inauguração do Jardim Marielle Franco na cidade de Paris, na França que aconteceu em setembro deste ano, e também a indicação da vereadora ao Prêmio Sakharov de direitos humanos de 2019.

#### 4. Considerações finais

O *rap* cada vez mais se apresenta como um dos ritmos musicais mais escutados do Brasil e do mundo, sendo influência para várias culturas, não só do nosso país e não só das periferias, hoje pode-se encontrar diversas vertentes dentro do *rap* e diferentes meios de acessá-lo.

Historicamente a favela e o *rap* foram alvos de projetos que criminalizam, afastam e apagam o real significado do que é morar na comunidade e do que é a cultura periférica. Obter informações sobre a formação das favelas, demonstrar o seu reflexo no discurso que é ouvido por diversas pessoas de fora desses espaços traz uma reflexão que reforça o poder dessa cultura e de como isso pode mudar a vida do indivíduo.

Percebe-se nas análises textuais feitas neste trabalho a potência da realidade dentro das composições dos *rappers*, demonstrando que a ligação sociológica do *habitus* do indivíduo com o seu espaço é expressa em seu discurso, visto que além de críticas à sociedade, que vê de forma preconceituosa a favela, há um desabafo perante a forma como esse preconceito pode ser disseminado e demonstrado, não só pela população comum, mas também pelo próprio estado.

Há presença de oralidade e desvio da norma culta, não por falta de conhecimento do falante, mas por acesso, por costume, para manter sua cultura e dialogar aos que não têm tanto acesso ao conhecimento da língua culta, destarte vê-se uma relação intrínseca entre o músico e sua comunidade, onde se vivencia o que se canta e eles cantam sobre o que vivenciam. Também nos textos está presente o conhecimento e utilização da intertextualidade para fazer conexão com fatos históricos, literaturas, para mais do que a realidade da favela, citando autores renomados e até incluindo na música textos literários, como em Ismália de Emicida.

Muitos dos MC's de *rap* mais conhecidos já passaram por dificuldades, alguns até se envolveram com o crime, mas a música os salvou e trouxe-os para um lugar onde possam dizer para aqueles que vivem precariamente nas favelas do Brasil: “sigam seus sonhos”. Não se trata somente de Ritmo e Poesia, vai muito além, salva vidas.

#### Referências

- Alkmim, Tânia Maria. *Sociolinguística*. Parte I. IN: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. Introdução à linguística: domínios e fronteiras, v.1, 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2006. P. 21-47.
- Althusser, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992.
- Bechara, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

- Benveniste, E. *O Homem na linguagem*. Lisboa: Vega, 1992.
- Bourdieu, P. *O poder simbólico*. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- \_\_\_\_\_, *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007.
- Carmo, Beatriz. “A pobreza no Brasil tem cor e é preta.” 2017.s/p. Acesso em 09 out. 2023.  
<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2017/A-pobreza-brasileira-tem-cor-e-%C3%A9-preta>
- Carvalho, Castelar de. *Para compreender Saussure*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- Contador, Antonio Concorda; FERREIRA, Emanuel Lemos. *Ritmo e Poesia: Os Caminhos do Rap*. Lisboa: Assirio e Alvim, 1997.
- Coseriu, E. *Lições de linguística geral*. Tradução de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1980.
- Fairclough, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UNB, 2001.
- Fonseca, Roberto. *História do Rio Grande do Sul para jovens*. Porto Alegre, Editora AGE Ltda., 2002.
- Moç. “O Mito da Caverna.” São Paulo: Dj Cuco, 2018. S/p. Acesso em 12 set.2023.  
<https://www.lettras.mus.br/moc/o-mito-da-caverna/>
- Neto, Simplício; DERRAIK, Márcia. Onde a Coruja Dorme. Produção: Rodrigo Latier. Fotografia de Mauro Pinheiro Jr. Rio de Janeiro: Antenna, 2002.  
<https://www.youtube.com/watch?V=fss0x1rpluu>.
- Souza, Jessé. *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- Stella, Léa Poiano. *Tá tudo dominado: a gíria das prisões*. 2003. 148 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.
- Teperman, Ricardo. *Se liga no som: as transformações do rap no Brasil*.— 1a ed.— São Paulo: Claro Enigma, 2015.